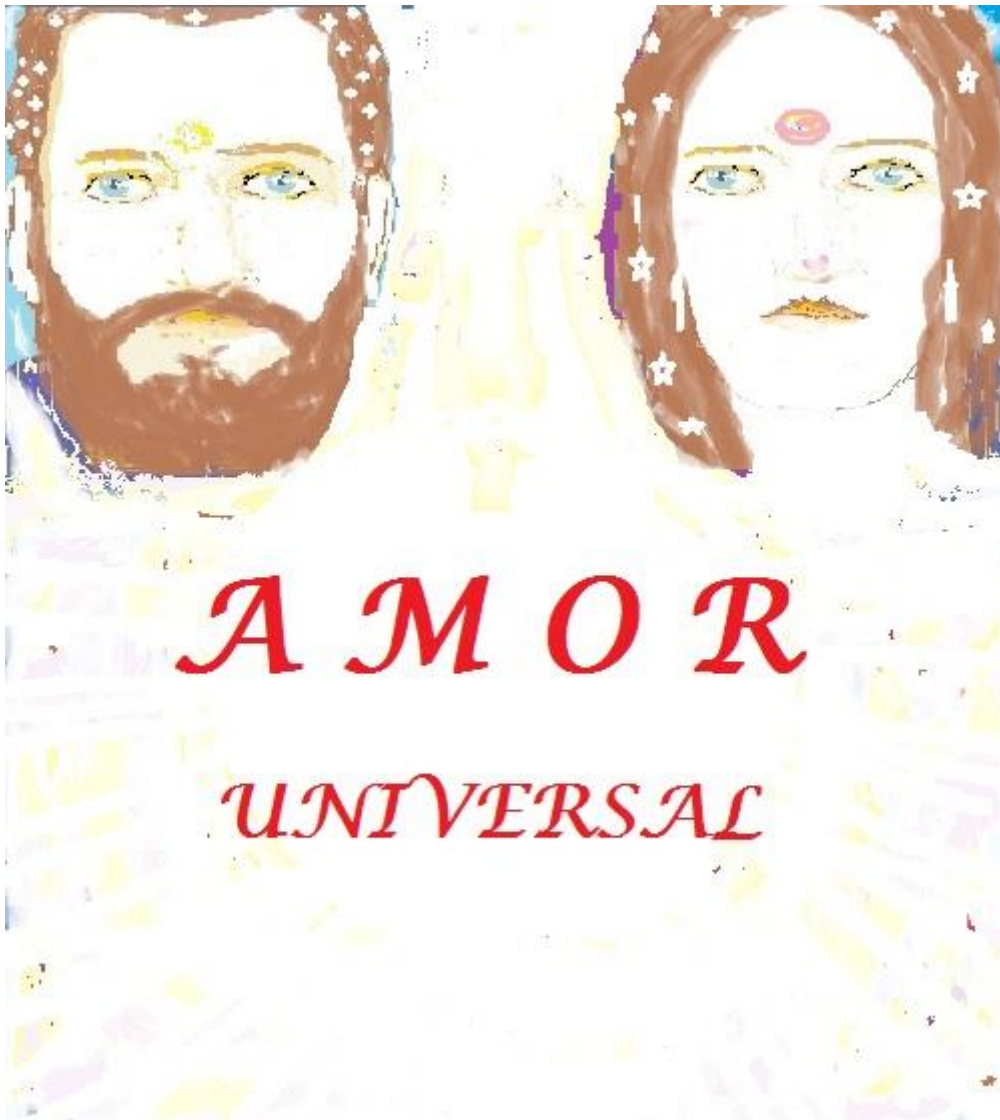


ALIENÍGENAS REENCARNADOS NA TERRA



Luiz Guilherme Marques

ÍNDICE

Introdução

PRIMEIRA PARTE: A REENCARNAÇÃO

1- A Filosofia grega

1.1 - Pitágoras

1.2 - Sócrates

2 - O Renascimento

2.1– Montaigne

3 – Perquirições filosóficas e científicas da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX

3.1 – Allan Kardec

3.2– Rudolf Steiner

3.3 – Helena Blavatsky

3.4 – J. B. Rhine e Louise E. Rhine

4 - A Ciência da segunda metade do século XX e início do século XXI

4.1 – Hernani Guimarães Andrade

4.2 - Banerjee

4.3 – A Transcomunicação Instrumental (TCI)

Conclusão da Primeira Parte

SEGUNDA PARTE: ALIENÍGENAS REENCARNADOS

1 – Vida humana em outros orbes

1.1 – Pesquisas americanas e russas

1.2 – “Discos voadores”: múltiplos testemunhos

2 – Gênios da humanidade

2.1 – Mozart

2.2 – Einstein

2.3 – John Lennon

2.4 - Bill Gates

2.5 - Pelé

3 – Pessoas intelectualmente superdotadas: quociente de inteligência (QI)

3.1 – Pessoas com distúrbios do déficit de atenção (ADD) e outros

3.2 – Disléxicos

3.3 – 11% de crianças são superdotadas

4 – Pessoas dotadas de grande estabilidade mental e emocional (QE)

4.1 - Amma

Conclusão da Segunda Parte

INTRODUÇÃO

Tomaremos como referência uma personalidade conhecida mundialmente, Rivail-Allan Kardec, como poderíamos ter escolhido qualquer outra figura exponencial na Historiografia, contanto que se enquadrasse na situação que pretendemos abordar, mas queremos esclarecer que a escolha não foi feita por opção religiosa, apesar de sermos espírita, mas sim porque serve para início deste livro. Afinal, todo livro tem de começar por algum ponto de reflexão.

Poderíamos lembrar Lenin, que, como todo mundo sabe, não foi batizado com esse nome, mas adotou esse apelido a partir de certo ponto de sua trajetória, e assim ficou conhecido; Pelé seria um outro exemplo; tanto quanto os sacerdotes católicos, cujos nomes de batismo ficam esquecidos quando ingressam numa ordem etc. etc.

Mas, insistindo na escolha que fizemos, é interessante notar que o professor Rivail, depois de ter-se tornado muito conhecido e respeitado no Magistério da França da primeira metade do século XIX, resolveu adotar o pseudônimo de Allan Kardec para escrever sobre a corrente filosófico-científica, com implicações religiosas, que batizou com o nome de Espiritismo. Os motivos que o levaram a essa opção são respeitáveis, pois queria desvincular qualquer ligação que se pudesse fazer entre o prestígio do seu nome como professor emérito e a nova doutrina filosófico-científica, com implicações religiosas.

Todavia, no nosso caso específico, não temos a pretensão de afirmar que alcançamos nem o prestígio de Rivail nem chegaremos aos *status* de Kardec, sendo que nosso propósito é apenas o de dar nosso testemunho pessoal, dentre muitos, acerca de uma realidade que constatamos no curso destes quase sessenta anos de vida.

Comparecemos publicamente, mostrando nossa credencial de magistrado, o que, para uns não representará quase nada, pois poderão alegar que há magistrados de todos os níveis de credibilidade, mas, para outros, significará um

ponto favorável, pelo menos na confirmação de que temos alguma seriedade, ou deveríamos tê-la, quanto ao que declaramos em público e será assim que viremos correr o risco de afrontar as críticas mais duras, mas nosso compromisso com a Verdade tem de estar acima de qualquer outra consideração quanto à conveniência.

Juiz por vocação e filho de juiz por previsão da Divindade, de qualquer forma, assim nos identificando não com a finalidade de nos dizermos feito de essência diferente dos demais concidadãos, mas simplesmente com o objetivo de mostrarmos aos prezados leitores que nossa vida foi pautada pela objetividade, incorporada desde os primeiros anos de vida, no sentido de observar tudo e tudo fazer passar pelo crivo da razão, o que, inclusive, por dever do ofício, constituiu-se em nossa tarefa diária, que é, em cada processo, caso não haja acordo entre as partes desavindas, analisar os fatos e aplicar o Direito.

Todavia, essa regra não é uma matemática fria e nem radical a ponto de se deduzirem uns fatos dos outros, pois onde terminam as provas começa a dedução e é isso que nos faz mais ou menos filósofos, pois não podemos querer que a Natureza nos revele todos os seus segredos, se não os procuramos ver e, além de vê-los, entender o que os olhos não veem.

O brocardo jurídico latino “*testis unus testis nullus*” (um único testemunho não tem valor) é de uma irracionalidade gritante em qualquer área que seja, pois, dependendo da credibilidade de quem testifica, pode representar a verdade, sem necessidade de mais outra prova, e é assim que a Filosofia e a Ciência devem proceder, citando-se, por exemplo, como sempre, a teoria da relatividade de Einstein e o “*penso, logo existo*” de Descartes.

Declaramo-nos discípulo tardio de Montaigne, o qual, por sua vez, baseou toda sua construção filosófica no pensamento socrático, como veremos a seguir.

Muito mais do que religioso, que o somos realmente, somos um homem ligado à Filosofia.

Entendemos que a Filosofia é uma das filhas diletas da “razão”, que nos permite chegar a uma série de conclusões sem precisarmos sair de casa para ver pessoalmente alguma coisa que está geograficamente distante de nós.

Se não fosse assim nenhum passo daríamos adiante não só como seres humanos considerados individualmente como também como coletividade, pois só conceberíamos como verdadeiro o que tocássemos com as mãos ou víssemos com nossos olhos.

Então, que credibilidade mereceriam as concepções de Einstein, muito mais filosóficas que científicas no sentido reducionista que se der a esta palavra?

Na verdade, há um ponto em que a Ciência se torna Filosofia, pois o universo subatômico só pode ser concebido pela razão, tanto quanto os dados referentes aos vários universos só conseguiremos imaginar utilizando a ferramenta da Filosofia, que é a razão.

Um filósofo não necessita de microscópio para acreditar na vida invisível aos olhos devido à sua pequenez, comparada com nossa realidade humana, bem como não precisará de nenhum telescópio gigantesco para reconhecer que há vida humana em todos os planetas, além de que não existe apenas o universo visível aos nossos olhos, mas muitos outros, localizados em outras dimensões.

Isso é um filósofo e não apenas aquele homem ou mulher que repetem os surrados argumentos de descrentes inveterados, que se recusam a pensar além da própria vaidade doentia ou das conveniências das universidades, que, infelizmente, muitas vezes, fazem o papel de verdadeiros Tribunais da Inquisição do Conhecimento Científico e Filosófico, porque lhes interessa manter o domínio sobre a Verdade, que julgam manter nas próprias mãos.

Não era sem razão que Sócrates praticamente nenhum estudo formal realizou e preferiu aprender observando a

Natureza, reflexionando e dialogando com seus contemporâneos e Montaigne seguiu o mesmo caminho, desconfiando da superioridade dos doutores, encastelados no mundo muitas vezes fantasioso dos ambientes acadêmicos, distantes da vida real, da Natureza, retrato de todas as verdades.

Pois bem, iremos tratar, utilizando nosso próprio nome e arcando com a responsabilidade das nossas próprias afirmações, da questão da reencarnação de alienígenas na Terra.

A primeira ideia, digamos, polêmica, é a da reencarnação, que a maioria dos ocidentais entende como mera fantasia, porque dizem não estar provada pela Ciência acadêmica. Sabemos que no mundo oriental a reencarnação é crença comum, vinda desde tempos imemoriais, das civilizações da China e da Índia, para só mencionarmos essas duas, das quais a primeira é a mais antiga do planeta Terra.

Deixemos de lado esse argumento, pois alguém poderá dizer que o fato de uma crença ser antiga não lhe garante a veracidade, além de que nossa argumentação será científico-filosófica e não religiosa.

Falamos assim, apesar de sabermos que, por exemplo, o Taoísmo não é propriamente um corrente religiosa, bem como o Confucionismo, apesar de alguns os terem como tais.

A segunda ideia, sabemos, é passível de questionamento por parte da maioria mesmo de adeptos das correntes religiosas, filosóficas e científicas, porque lhes parece estranho seres humanos de outros mundos reencarnarem aqui na Terra.

Essas pessoas se acostumaram tanto e foram praticamente condicionadas a pensar em seres humanos extraterrestres apenas possíveis com aparências muito diferentes da nossa, divulgados em filmes de aventura e na Literatura especializada, que não conseguem assimilar, sem grande dificuldade, a ideia de que eles, para aqui passarem a habitar, adotem nossas características físicas, diferenciando-

se apenas pela forma de pensar, naturalmente, muito diferente da maioria dos milenares habitantes deste planeta, onde ainda vigoram o egoísmo, o orgulho e a vaidade, que corroem muitas das iniciativas idealistas, sem falar na corrupção, na desonestidade e na maldade mais declarada ou disfarçada, que provocam guerras, miséria, fome, desigualdades entre ricos e pobres, intelectuais e analfabetos, sadios e doentes etc. etc.

Estes esclarecimentos se fazem necessários para iniciarmos este modesto, mas bem intencionado trabalho, como resultado de muitos anos de pesquisa e reflexão, porque chegamos à conclusão da sua utilidade, e mesmo necessidade, pois a mentalidade das pessoas em geral muito ganhará com a certeza que vierem, porventura, a adquirir acerca dessas duas noções: 1) a reencarnação e 2) o intercâmbio entre habitantes dos diferentes mundos espalhados pelo Universo.

Esta não é uma obra religiosa, mas sim científico-religiosa, ou filosófico-científica, e prometemos nos ater aos argumentos dessas duas ordens, a fim de mais liberdade darmos aos prezados leitores para aceitarem ou não nossas afirmações e argumentos.

O autor

PRIMEIRA PARTE: A REENCARNAÇÃO

1- A FILOSOFIA GREGA

Segundo nosso modesto modo de pensar, a mais importante contribuição que a Grécia antiga deu à humanidade foi a Filosofia, ao lado da China pré-cristã, tanto quanto a Roma antiga deu ao Direito, Israel à Religião e o Egito antigo às Ciências Psíquicas.

No período em que viveu Sócrates, bem como pouco antes e pouco depois, não por casualidade, mas por determinação divina, segundo cremos, mas sem obrigatoriedade para quem pense em contrário, aconteceu a maior confluência imaginável de inteligências filosóficas de todos os tempos num ambiente geográfico limitado, que era o mundo grego.

Quem compulsar os compêndios de Filosofia verificará que o número de gênios gregos foi tão grande que uma verdadeira enciclopédia poder-se-ia escrever para tentar relacionar todas as ideias que foram propagadas em um período de mais ou menos dois ou três séculos, que traçaram as bases para tudo que se racionalizaria no futuro, principalmente no continente europeu, que depois, foi transplantado principalmente para o Novo Mundo, ou seja, o continente americano, a partir do início do século XVI.

Todavia, ninguém desses todos foi igual a Sócrates e muito menos maior que ele.

A afirmação da pitonisa do Templo de Apolo, em Delfos, de que Sócrates era o maior dos sábios então vivo, não significou o ponto de vista de uma pessoa, falando em nome do “*deus*” daquele Templo, mas sim voz geral em Atenas e outras localidades do mundo helênico.

Tamanha foi a influência do grande pensador, para quem a Natureza era a única fonte segura de referência para todas as reflexões, planejamentos, ideologias etc., que os homens do poder da Atenas corrupta e mentirosa de então planejaram eliminá-lo, porque lhes contrariava os interesses mesquinhos aquela Boca da Verdade, que lhes apontava a inferioridade ética e a mediocridade intelectual.

Um gênio sempre incomoda e um gênio do Progresso, da Ética, incomoda muito mais.

A História do mundo registraria a perseguição a outros homens e mulheres dessa envergadura moral e intelectual, como Jesus Cristo, Galileu Galilei, Giordano Bruno, Joana D'Arc, Tiradentes, Gandhi, Martin Luther King, Nelson Mandela, John Kennedy e outros tantos.

Antecipamos um pouco o item que dedicaremos a Sócrates, mas transcreveremos abaixo, apesar de não ser exatamente o que pensamos, a nota registrada na Wikipédia sobre a Filosofia da Grécia antiga:

“A filosofia da Grécia Antiga teve como foco o papel da razão e da indagação. Muitos filósofos nos dias de hoje admitem que a filosofia grega foi responsável pela formação do pensamento ocidental desde o seu início; o matemático e filósofo Alfred North Whitehead afirmou que "a filosofia ocidental é apenas uma série de notas de rodapé à [obra de] Platão." Há uma linha clara em contínua de pensamento que se estende dos filósofos gregos e helenista, passando pelos cristãos e filósofos islâmicos medievais e do Renascimento europeu e do Iluminismo.

Alguns estudiosos alegaram que a filosofia grega teria sido influenciada, por sua vez, pela literatura e pelas cosmogonias de civilizações mais antigas do Oriente Médio antigo; de acordo com o classicista Martin Litchfield West, o "[...] contato com a cosmologia e a teologia oriental ajudou [os primeiros filósofos gregos] a liberarem sua imaginação; certamente lhes deu muitas ideias sugestivas. Mas eles ensinaram a si próprios a raciocinar. A filosofia, tal como a compreendemos, é uma criação grega."

A filosofia tem uma história de mais de dois mil e quinhentos anos. Foi na Grécia Antiga que essa ciência surgiu e tomou as primeiras proporções. Embora

vivessem em cidades-nações distintas e rivais entre si, os gregos conseguiram desenvolver uma comunidade única de língua, religião e cultura, que foi responsável pelo grande avanço da ciência na Idade Antiga. A genialidade grega foi responsável pelo avanço de diversas áreas do conhecimento, como artes, literatura, música e filosofia.

A filosofia grega pode ser dividida em três fases: período pré-socrático, socrático e helenístico. No período pré-socrático, a filosofia foi utilizada para explicar a origem do mundo e das coisas ao redor. Os pré-socráticos buscavam um princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de tudo. Os principais filósofos dessa fase foram: Tales de Mileto, Heráclito, Anaximandro, Xenófanes e Parmênides.”

1.1 – PITÁGORAS

No nosso entender, ninguém melhor do que Montaigne para falar sobre Pitágoras.

No seu livro “*Ensaaios*”, referiu-se poucas vezes a ele, todavia, de forma incisiva e decisiva para o objeto deste nosso livro, que é a ideia da reencarnação.

Atente-se, por favor, para a informação de que nem Montaigne nem Pitágoras eram escritores religiosos, apesar de serem homens de profunda religiosidade, mas eram, sim, estudiosos e propagadores da Filosofia.

Diz Montaigne:

“Pitágoras foi buscar nos egípcios o dogma da metempsicose. Posteriormente essa ideia foi aceita por outros povos, entre os quais os nossos druidas: “as almas não morrem; após abandonarem suas primeiras residências passam a outras, e assim é eternamente.” A religião dos antigos gauleses admitia que a alma é imortal e deduzia que mudava sempre de lugar transportando-se de um corpo para outro.””

O nome “*metempsicose*” é, mais ou menos, sinônimo de reencarnação.

Veja-se, aí, como dito linhas atrás, um filósofo de época mais recente, qual foi o caso de Montaigne, que viveu no período rotulado, posteriormente, como Renascimento Europeu, afirmando a crença de um outro filósofo, que viveu num período pré-cristão.

Um homem de tamanha envergadura intelectual, com a responsabilidade que assumiu de estudar e propagar suas conclusões, iria acreditar em “*contos da carochinha*”?

Utilizando sua poderosa ferramenta cerebral, na certa, tinha chegado à conclusão de que os antigos egípcios tinham razão.

Não tinha Pitágoras nenhuma ferramenta senão a própria razão para concluir pela lógica da reencarnação, tanto quanto Descartes, muitos séculos depois, chegou a certezas atualmente inquestionáveis, e Einstein, no início do

século XX, formulou, com base na pura racionalidade, sua teoria da relatividade, que, posteriormente, foi-se verificando que tinham base na Natureza, tanto que destruíram-se Hiroshima e Nagasaki e explodiram-se outras bombas atômicas e, depois, de hidrogênio etc. etc.

Pitágoras tinha tanta certeza sobre a noção da reencarnação que Montaigne afirmou o seguinte:

“Pitágoras dizia mesmo, a propósito, lembrar-se de ter sido Etárido, mais tarde Euforbo, Hermotimo em seguida, e enfim Pirro, conservando na memória o que lhe ocorrera em cento e seis anos.”

Pensem sempre que se trata de dois filósofos, homens cuja racionalidade estava sempre à flor da pele.

1.2 – SÓCRATES

Também ninguém informa melhor sobre Sócrates do que Montaigne:

“O demônio familiar de Sócrates consistia provavelmente em certas inspirações que se apresentavam a ele sem passar pela razão. Em alma tão pura quanto à sua, feita por inteiro de sabedoria e virtude, é de crer-se que, embora ousadas e admissíveis, tais inspirações eram sempre importantes e dignas de se ouvirem. Não há quem não sinta em si mesmo por vezes semelhante obsessão de uma ideia brusca, veemente e fortuita. Cabe a cada um de nós dar-lhe ou não certa consistência, a respeito do que manda a prudência à qual fazemos ouvidos moucos, tive-as eu próprio, carecedoras de razão, mas violentamente persuasivas, ou ao contrário (como era o caso de Sócrates), e a elas me abandonei com tamanha felicidade que quase poderia atribuir-lhes uma origem divina.”

Que “demônio” familiar seria esse? Cada um poderá concluir como entender melhor, pois nossa reflexão não obriga ninguém a adotar nossos pontos de vista. Todavia, em outra parte do livro, Montaigne afirma:

“Somente Sócrates pôs em prática o preceito que recebera de Apolo: conhece-te a ti mesmo.”

A afirmativa de Montaigne é de extrema responsabilidade, pois atribui ao “homem mais sábio do seu tempo” a imputação de ter sido o único que exercitou, de verdade, o autoconhecimento.

Analisemos mais outro detalhe, de grande importância, que é a afirmativa de que o preceito lhe foi transmitido vindo do “deus” Apolo. “Demônio” ou “deus”?

Alguém dirá que são duas fantasias numa única frase, mas, então, atribuiremos ao respeitado filósofo Montaigne uma irresponsabilidade “redobrada”, pois a interpretação não deixa dúvidas: imputou a Sócrates duas situações dramáticas: 1) ser o único homem (presumivelmente estaria referindo-se

aos contemporâneos daquele) a praticar o autoconhecimento e 2) ter recebido do “*deus*” Apolo esse ensinamento.

Mas, então, Montaigne estaria supervalorizando Sócrates e “*sonhando acordado*” ao afirmar que Sócrates teria contato direto com o “*deus*” Apolo? Mas, existem “*deuses*”?

Essa afirmativa não está ficando complicada demais para quem, como nós, se propôs a usar os argumentos apenas da Filosofia e da Ciência e nada de Religião?

Ficamos, então, numa encruzilhada: ou acreditamos no que Montaigne falou ou não acreditamos.

Pessoalmente, preferimos ficar com ele, pois era de uma racionalidade total, a ponto de confundirem-no com os céticos, ou seja, aqueles que não arriscam palpite nenhum e só acreditam no que sua razão sanciona.

Assim, temos como certo que Sócrates merece mesmo o elogio que recebeu do seu admirador renascentista e, além disso, um dos “*demônios*” que o inspirava era o próprio Apolo, respeitado pelos gregos e, depois, pelos romanos. Consta sobre ele na Wikipédia:

“Apolo, também conhecido com Febo (brilhante), na mitologia grega é considerado o deus da juventude e da luz, identificado primordialmente como uma divindade solar, uma das divindades mais ecléticas da mitologia greco-romana. (<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/apolo>)

Mas, vamos adiante na reflexão sobre as palavras de Montaigne sobre Sócrates:

“A meu ver, nada é mais belo, na vida de Sócrates, do que ter permanecido durante trinta dias, depois de condenado, examinando serenamente a morte futura, sem emoção, sem revelar nenhuma alteração de humor, agindo e conversando, antes com calma do que excitação sob o peso de um tal pensamento.”

Mas, então, Sócrates examinou serenamente a “*morte*” que se avizinhava? Se ele tinha recebido o ensinamento do autoconhecimento proveniente do próprio “*deus*” Apolo,

sabia que a “*morte*” não deveria intimidá-lo, pois que encontraria Apolo e os demais “*deuses*”, pela elevação das suas virtudes, uma vez que a afirmação de que era o mais sábio dos homens não queria dizer que tivesse maior cultura, mas sim maiores virtudes. Não iria ser condenado ao “*mundo inferior*”, mas conviveria mais de perto com os “*deuses*”. Ou não?

Vejam os em que se embasava Sócrates para a sua conduta tão virtuosa. Montaigne esclarece:

“Perguntai a Alexandre o que sabe fazer. Dirá: subjugar o mundo. Indagai o mesmo de Sócrates e responderá: viver a vida humana de acordo com as condições estabelecidas pela natureza. Ciência bem mais vasta, mais pesada e mais digna.”

A sabedoria consistirá, então, em viver segundo as Leis da Natureza? Então, o autoconhecimento representa a compreensão de que somos seres da Natureza e devemos nos integrar a ela?

O que nos parece claro é que a sabedoria de Sócrates era calcada na observação mais direta possível da Natureza, ou seja, nos seres humanos, animais, vegetais, minerais, no mar, no vento, na sequência das estações e dos dias e das noites e tudo que acontece normalmente na vida das pessoas, sem esforços exagerados para compreender o que ultrapassasse a vida diária, comum.

Realmente, nada melhor para servir de referência do que refletir sobre o que se vê na rotina mais simples possível.

Um verdadeiro filósofo não precisa sair da sua cidade para compreender a essência das coisas, como está ensinado no Tao Te King, de Lao Tsé.

Mas é verdade que Montaigne nada refere de Sócrates acerca da reencarnação.

Sócrates, então, não seria reencarnacionista? – Mas, se ele se baseava na Natureza, o que acontece na Natureza senão um morrer e renascer permanente, como o dia que sucede a noite e as estações, que sempre retornam? Cada ser humano

não passaria por idêntico processo, ou seja, renasceria inúmeras vezes, tal como ensinava, antes, Pitágoras, de forma tão categórica, a ponto de afirmar lembrar-se de mais de uma daquelas vivências anteriores?

Como o homem mais sábio do mundo ignoraria uma realidade tão presente na Natureza e, então, estaria a dever a Pitágoras, que, por isso, deveria ocupar seu lugar?

Raciocinemos sem outro compromisso que não seja o de, honesta e diretamente, pretendermos admitir como verdadeiro aquilo que nossa razão sanciona.

2 - O RENASCIMENTO

Figuras exponenciais da Filosofia, da Ciência, da Religião e da Arte mudaram a face cultural da Europa, livrando-a das limitações impostas pelo clero romano durante mais de oito séculos da escura Idade Média.

Dentre esses homens e mulheres pretendemos focalizar justamente Montaigne, por causa da incisividade das suas afirmações quanto à reencarnação, que é um dos pontos mais importantes do autoconhecimento, aliás, embasado no fluxo e refluxo, no morrer e renascer da Natureza.

2.1– MONTAIGNE

Depois de transcrevermos as afirmações de Montaigne sobre a certeza de Pitágoras quanto à reencarnação, precisaremos confirmar que Montaigne era reencarnacionista?

Simplesmente por uma questão de cautela frente ao terrível Tribunal do Santo Ofício e dos perigos da guerra civil entre católicos e protestantes que estava dizimando milhares de vidas na França, Montaigne não poderia ser mais direto na certificação da sua crença, baseada, aliás, sempre na razão, pois ninguém, naquele país e naquele tempo, tinha o “*direito*”, então, de raciocinar, mas sim o “*dever*” de concordar com a cartilha da Igreja Romana.

Repitamos, todavia, o que ele registrou sobre Pitágoras no seu livro “*Ensaaios*”:

“Pitágoras foi buscar nos egípcios o dogma da metempsicose. Posteriormente essa ideia foi aceita por outros povos, entre os quais os nossos druidas: “as almas não morrem; após abandonarem suas primeiras residências passam a outras, e assim é eternamente.” A religião dos antigos gauleses admitia que a alma é imortal e deduzia que mudava sempre de lugar transportando-se de um corpo para outro.”

E também:

“Pitágoras dizia mesmo, a propósito, lembrar-se de ter sido Etárido, mais tarde Euforbo, Hermotimo em seguida, e enfim Pirro, conservando na memória o que lhe ocorrera em cento e seis anos.”

Cada um conclua o que puder, ou quiser!

3 – PERQUIRIÇÕES FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Neste capítulo pretendemos apresentar aos prezados leitores não habituados ao tema de que tratamos o máximo que conseguirmos informar sobre o trabalho dos mais eminentes cientistas e filósofos desse período que se debruçaram sobre o tema reencarnação e outros correlatos.

Alguns deles ficaram identificados na História como fundadores de correntes religiosas, mas queremos nos ater aos seus trabalhos científicos e filosóficos.

Allan Kardec, por exemplo, iniciou uma Ciência-Religião, que denominou Espiritismo, conforme consta como subtítulo ao seu livro mais conhecido que é “*O Livro dos Espíritos*”. Posteriormente, ou seja, já no início do século XX, principalmente no Brasil, sua doutrina passou a ser qualificada como corrente religiosa.

Não pretendemos dizer quem tem mais razão e quem tem menos razão na sua forma de pensar a respeito, mas a verdade é que Kardec foi um cientista, que, informado sobre os fenômenos popularmente conhecidos como das “*mesas girantes*”, pôs-se a pesquisá-lo e, somente a partir daí, ouvindo o que lhe era transmitido através de pessoas com características especiais, os médiuns, foi deduzindo uma série de realidades, inclusive a de que os chamados “*mortos*” estão vivos e podem se comunicar com os “*vivos*”.

Não era nenhum homem inculto ou crédulo, mas um professor de renome, autor de várias obras de mérito reconhecido na área do Magistério e que, de longa data, estudava o Magnetismo, no qual era verdadeiro *expert*.

Quem tiver a isenção suficiente de informar-se sobre sua trajetória de vida e suas pesquisas dentro do campo a que nos referimos verá que não têm razão os que, sem conhecer sua seriedade e nível intelectual, julgam sua obra imprestável científica e filosoficamente falando.

Outros filósofos e cientistas que mencionaremos também enfrentaram a crítica maliciosa e ignara de muitos dos seus contemporâneos e até hoje há quem lhes lance epítetos jocosos e de desprezo, virando as costas para todo o cabedal de informações que deixaram para a posteridade. São do número desses Rudolf Steiner e Helena Blavatsky.

3.1 – ALLAN KARDEC

Já tínhamos adiantado no item anterior bastante informações sobre Allan Kardec, mas, no presente tópico, acrescentaremos mais alguns dados, a título de bem esclarecer os prezados leitores.

Consta da Wikipédia:

“Conforme o seu próprio depoimento, publicado em Obras Póstumas, foi em 1854 que o Prof. Rivail ouviu falar pela primeira vez do fenômeno das "mesas girantes", bastante difundido à época, através do seu amigo Fortier, um magnetizador de longa data. Sem dar muita atenção ao relato naquele momento, atribuindo-o somente ao chamado magnetismo animal de que era estudioso, só em maio de 1855 sua curiosidade se voltou efetivamente para as mesas, quando começou a frequentar reuniões em que tais fenômenos se produziam.

Durante este período, também tomou conhecimento do fenômeno da escrita mediúnica - ou psicografia, e assim passou a se comunicar com os espíritos. Um desses espíritos, conhecido como um "espírito familiar", passa a orientar os seus trabalhos. Mais tarde, este espírito iria lhe informar que já o conhecia no tempo das Gálias, com o nome de Allan Kardec. Assim, Rivail passa a adotar este pseudônimo, sob o qual publicou as obras que sintetizam as leis da Doutrina Espírita.

Convencendo-se de que o movimento e as respostas complexas das mesas deviam-se à intervenção de espíritos, Kardec dedicou-se à estruturação de uma proposta de compreensão da realidade baseada na necessidade de integração entre os conhecimentos científico, filosófico e moral, com o objetivo de lançar sobre o real um olhar que não negligenciasse nem o imperativo da investigação empírica na construção do conhecimento, nem a dimensão espiritual e interior do Homem.

Tendo iniciado a publicação das obras da Codificação em 18 de abril de 1857, quando veio à luz O Livro dos Espíritos, considerado como o marco de fundação do Espiritismo, após o lançamento da Revista Espírita (1 de janeiro de 1858), fundou, nesse mesmo ano, a primeira sociedade espírita regularmente constituída, com o nome de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_Kardec)

3.2– RUDOLF STEINER

Transcrevemos da Wikipédia:

“Pode-se resumir a Antroposofia de Steiner como um modo de alcance de um conhecimento suprassensível da realidade do mundo e do destino humano. Mas, o conteúdo desse resumo é complexo e remete a um estudo de extremas profundidade e disciplina, aliadas a um método de exercícios metódicos precisos, com o intuito de revelar no homem o divino que neste reside adormecido. A Antroposofia, o corpo de conceitos derivados da Ciência Espiritual, coloca o Antrophós (Homem) como participante efetivo do mundo espiritual através de seus corpos superiores, tornando assim evidente no mesmo o conceito do Theós (Deus).

A Ciência Espiritual é o meio de experiência consciente direta com o mundo espiritual, não se tratando, portanto, de uma forma de misticismo. É denominada ciência pois seus resultados podem ser verificados por qualquer um que se dispuser a se preparar neste sentido por meio do trabalho interior. Trata-se, por isso, de um conhecimento exato possível de ser acessado pelo pensar, desde que ele seja desenvolvido para tal pelo trabalho diário (exercício de concentração, revisão da memória, ação pura, percepção pura, etc.).”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Steiner)

3.3 – HELENA BLAVATSKY

A Wikipédia registra:

“Blavatsky surgiu em um momento histórico em que a religião estava sendo rapidamente desacreditada pelo avanço da Ciência e da Tecnologia, e que testemunhou o nascimento de uma série de escolas de ocultismo ou de pensamento alternativo, muitas delas com base conceitual pouco firme ou desenvolvendo práticas apenas intuitivas, que ganhavam grande número de adeptos em virtude do fracasso do Cristianismo em fornecer explicações satisfatórias para várias questões fundamentais da vida e sobre os processos do mundo natural. A importância da contribuição de Blavatsky foi então reafirmar o divino, mas oferecendo caminhos de diálogo com a Ciência e tentando purgar a Religião institucionalizada de seus erros seculares, combatendo o dogmatismo e a superstição de todos os credos e incentivando a pesquisa científica, o pensamento independente e a crítica da fé cega através da razão. Lutou contra todas as formas de intolerância e preconceito, atacou o materialismo e o ceticismo arrogante da ciência, e pregou a fraternidade universal. Sem pretender fundar uma nova religião, sem reivindicar infalibilidade nem se intitulando proprietária ou autora das ideias que trouxe à luz, apresentou ao mundo ocidental uma síntese de conceitos, técnicas e interpretações de uma grande variedade de fontes filosóficas, científicas e religiosas do mundo, antigas e modernas, organizando-as em um corpo de conhecimento estruturado, lógico e coerente que compunha uma visão grandiosa e positiva do universo e do homem. Com isso a Teosofia se tornou, ainda que contestada por vários críticos, um dos mais bem sucedidos sistemas de pensamento eclético da história recente do mundo, unindo formas antigas e novas e provendo pontes entre vários mundos diferentes - sabedoria antiga e pragmatismo moderno, oriente e ocidente, sociedade

tradicional e reformas sociais. Influenciou milhares de pessoas em todo o mundo desde que apareceu, desde a população comum a estadistas, líderes religiosos, literatos e artistas, e deu origem a um sem-número de seitas e escolas de pensamento derivativas.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_Blavatsky)

3.4 – J. B. RHINE E LOUISE E. RHINE

Enquanto, por exemplo, Descartes partiu direto da premissa “*penso, logo existo*” para diante, considerando como indubitável tanto o pensamento quanto a existência, há filósofos e cientistas que passam a vida inteira para tentar se convencer tanto de que pensam quanto que existem, ou seja, consomem um esforço enorme na verificação do óbvio e na tentativa de convencer as pessoas de que aquelas verdades são verdadeiras.

Esse é o caso típico do casal Rhine, que, depois de dezenas de anos de pesquisa, chegou a pouquíssimos resultados positivos em termos de avanços.

Fazendo um parêntese, colocaríamos nesse rol igualmente Charles Richet, que tivemos a precaução de não relacionar entre os expoentes, pois repetiria, mais ou menos, o casal Rhine, criador da Parapsicologia, apenas que o francês tendo sido o criador da Metapsíquica, nomes diferentes de um mesmo sistema de pesquisa “*emperrado*” pelo racionalismo exagerado, que não utilizada, mesmo que em dose, mínima, a dedução, mas somente a observação dos fenômenos como se os quisesse pegar com as mãos e enxerga-los com os olhos.

Acreditamos que os prezados leitores entenderam o que quisemos lhes dizer.

Transcrevemos a seguir o que a Wikipédia certifica sobre Joseph Banks Rhine:

“Rhine, juntamente com William McDougall, cunhou o termo "parapsicologia" (traduzindo uma palavra de origem alemã). E juntamente com McDougall desenvolveu a metodologia e os conceitos fundamentais da parapsicologia como forma de psicologia experimental.

Os impressionantes resultados obtidos pelo Dr. Rhine fizeram com que fosse reconhecido entre os pesquisadores como o fundador da parapsicologia.

Rhine fundou as instituições necessárias para profissionalização da parapsicologia nos Estados Unidos da América, incluindo o Journal of Parapsychology e a criação da associação de classe Parapsychological Association, além da Foundation for Research on the Nature of Man (FRNM), uma precursora do que hoje é conhecido como Rhine Research Center.

As pesquisas de Rhine influenciaram a formação do conceito de sincronicidade estabelecido por Jung.

4 - A CIÊNCIA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

Depois de muitos avanços da Filosofia, que, desde milênios atrás, principalmente na Índia, China, Grécia e Egito, havia avançado, chegando a conclusões que os cientistas vieram a provar somente a partir do século XIX, verificamos que, na segunda metade do século XX, um homem da inteligência e integridade moral de Hernani Guimarães Andrade já poderia contar com todas as informações de Allan Kardec. William Crookes, Charles Richet, Albert de Rochas, Aksakof, Lombroso, o casal Rhine, Charcot, Jung, Freud, Stevenson, Banerjee etc. etc., sem contar a tecnologia desenvolvida pelos criadores da Transcomunicação Instrumental (TCI), de que falaremos adiante.

Havia a soma dos avanços multimilenários da Filosofia, que não necessita da Ciência, pois avança no rumo das certezas com a ferramenta da razão, e da Ciência, atrelada a equipamentos que a tecnologia vai inventando, apesar do caso especial de Einstein, que não se socorreu de outra arma que não a própria razão.

Avancemos, então, neste capítulo.

Temos a esclarecer que deixamos

4.1 – HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

A Wikipédia registra:

“Fundou em 13 de dezembro de 1963 o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), onde procurou demonstrar cientificamente a existência dos fenômenos paranormais, da reencarnação, da obsessão espiritual e da transcomunicação instrumental, além de ter realizado pesquisas laboratoriais para detectar o que denominou como Campo Biomagnético (CBM) ou Modelo Organizador Biológico (MOB).”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Hernani_Guimar%C3%A3es_Andrade)

A Psicobiofísica merece um destaque especial:

“Como definido pela instituição, a Psicobiofísica é uma disciplina científica cujo objecto é o estudo dos fenômenos psíquicos, biológicos e físicos, em todas as suas manifestações de carácter paranormal.

Ao contrário da abordagem tradicional desses fenômenos, estudados no campo da Psicologia, a Psicobiofísica:

1. *aceita, "a priori", a possibilidade de tais fenômenos;*
2. *procura detectá-los; e*
3. *uma vez registrados, classifica-os em algumas ou em todas as três categorias a saber, a psíquica, a biológica, e a física.*

A partir então dos factos observados, tenta explicá-los e descobrir as leis que os regem. Admite, desse modo, a possibilidade mesmo de eliminar-se o carácter de paranormalidade de tais fenômenos, incluindo-os no elenco de fenômenos naturais.

Caracteriza-se pelo aspecto científico e humanístico, baseado na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, estruturada com base na investigação dos

fenómenos paranormais, particularmente os mediúnicos, na segunda metade do século XIX, complementada pelas informações fornecidos através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Brasileiro_de_Pesquisas_Psicobiof%C3%ADsicas)

Trata-se o referido Instituto do laboratório mais avançado do mundo em pesquisas científicas sobre Modelo Organizador Biológico (corpo espiritual), a reencarnação e os fenômenos de "*poltergeist*", além de investigações sobre mediunidade, Experiência em Leitos de Morte, Experiências de Quase-Morte, Experiência Fora do Corpo (em língua inglesa, "*Out of the Body Experience*") e Transcomunicação Instrumental.

Quem tiver interesse em conhecer o que ali se realiza e seu fantástico banco de dados não precisa viajar para o exterior, bastando procurar a Dra. Sonia Rinaldi, que ali desenvolve suas atividades, junto a outros pesquisadores do mais alto gabarito moral e intelectual.

4.2– BANERJEE

O pesquisador Hemendra Nath Banerjee documentou inúmeros casos de crianças que se recordavam de acontecimentos de vidas passadas e, verificando tudo de forma estritamente científica, concluiu que aquelas crianças nunca conseguiriam acesso às informações sobre as pessoas que se diziam ter sido.

Mais científico, no sentido exato da palavra, não se conseguiria ser, pois as crianças pesquisadas sempre eram conhecidas nos meios onde viviam e todas as cautelas eram tomadas para não haver nenhuma conclusão precipitada ou errônea.

As provas são essenciais para se comprovar fatos, mas há o recurso da dedução para ultrapassar determinados limites, sendo que tudo isso faz parte da Ciência e da Filosofia, que não pode acreditar apenas no que as mãos podem tocar e os olhos conseguem ver.

Se houvesse essa rigidez, que seria da teoria da relatividade de Einstein, por exemplo?

A seriedade do pesquisador deve sempre ser levada em conta.

Quando confiamos na palavra de Montaigne nas suas informações sobre os pensamentos de Pitágoras e Sócrates assim o fizemos pela sua credibilidade como homem que descreveu uma trajetória de vida da melhor qualidade ética e intelectual.

Jamais confiaríamos no primeiro escritor que falasse sobre os dois gregos ilustres sem nenhuma credencial.

Assim também são estes cientistas e filósofos a quem nos referimos no presente capítulo: leia-se sobre eles, sobre como viveram e o que realizaram e passarão, no mínimo, a respeitá-los como pessoas e pesquisadores, mesmo que discordem das suas conclusões.

Assim procedem as pessoas de mente aberta, como verdadeiros intelectuais, sem ideias preconcebidas nem contra e nem a favor do que desconhecem.

Assim também aprendemos a proceder, pois, em caso contrário, não teríamos condições de exercer nossa profissão.

Filósofo é quem deduz com racionalidade o que os olhos não enxergam e as mãos não podem tocar e isso mesmo é um cientista de verdade, sendo que, por isso, Einstein é um dos mais eminentes de todas as épocas da humanidade.

Acerca de Banerjee, trazemos à colação o seguinte relato de Paulo da Silva Neto Sobrinho:

O Prof. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), Diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, Índia, iniciou uma série de investigações acerca de diversos casos de crianças que se lembravam de suas vidas anteriores, três mil casos catalogados. Tais casos são numerosos na Índia, bem como em diversos países do Oriente: Burma, Líbano, Sri Lanka, Turquia e outros.

Muito embora essas pesquisas realizadas por Dr. Ian Stevenson (EUA) e Dr. H. N. Banerjee (Índia), não sejam ainda consideradas como provas científicas, trazem fortíssimas evidências que, com certeza, dentro de algum tempo, passarão da classe de teoria para a de prova concreta, tal é o critério científico utilizado nelas.

Vamos mostrar alguns trechos do livro Vida Pretérita e Futura – 25 anos de estudos sobre a reencarnação publicado em 1.979 pelo Dr. Banerjee:

- "Durante anos, os pesquisadores parapsicólogos que estudam os casos de reencarnação têm sido considerados charlatões, e seus estudos classificados como de efêmero valor. Mas, depois de mais de vinte e cinco anos de pesquisas neste campo, em que estudei mais de 1.100 casos de reencarnação em todo o mundo, e publiquei vários trabalhos sobre o assunto, a crítica diminuiu e surgiu maior interesse. Os fatos que cada vez mais chegam ao nosso conhecimento são tão impressionantes,

que agora a comunidade científica passou a considerá-los como dignos de pesquisa”.

“Desde o começo, decidi formar um centro de estudos internacional sobre a reencarnação. Seu objetivo seria estudar cientificamente casos de vidas anteriores em todo o mundo e coligir dados relativos aos mesmos”.

- “Minhas pesquisas de um quarto de século convenceram-me de que há muitas pessoas, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, dotadas de memórias diferentes, o que não se pode obter por vias normais. Chamo esse tipo de memória de” memória extra cerebral”, porque as afirmações dos sujeitos de possuírem lembranças de vidas anteriores parecem ser independentes do cérebro, principal repositório da memória. É fato científico que ninguém é capaz de lembrar o que não aprendeu anteriormente (grifo nosso)”.

- “Os casos descritos neste livro não se baseiam no ouvir dizer nem em estórias de jornais; baseiam-se em pesquisas que fiz através de rigorosos métodos científicos. Meu estudo sobre a reencarnação foi concebido à luz de várias hipóteses, tais como, a fraude, a captação de lembranças através de meios normais, e a percepção extra-sensorial”.

- “Usei os nomes das pessoas aqui citadas e dos locais onde ocorreram os fatos, a fim de realçar que os sujeitos dotados de lembranças de vidas anteriores realmente existem, não são fictícios; além disso, suas afirmações foram convenientemente confirmadas”.

(<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/paulosns/reencarnacao-e-as-pesquisas.html>)

4.3– A TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL (TCI)

Aqui está um dos pontos altos do nosso livro, pois, desconfiando da atuação de seres humanos, não há, em sã consciência, como desconfiar-se de equipamentos eletrônicos.

Vejamos o que a Wikipédia registra a respeito da TCI:

A possibilidade de comunicações com o mundo espiritual sem a interferência direta de um médium, foi considerada por diversos inventores no começo do século XX. Nos Estados Unidos, em 1920, Thomas Edison disse ao repórter B.F. Forbes que ele estava trabalhando em uma máquina que poderia fazer contato com espíritos de mortos. Jornais do mundo todo noticiaram a história. Depois de alguns anos Edison admitiu que ele inventou a história toda. (Thomas Edison National Historical Park).

No Brasil, o português naturalizado Augusto de Oliveira Cambraia, patenteou, em 1909, o "Telégrafo Vocativo Cambraia" de 1909, que propunha um sistema de comunicação a distância, utilizando-se 'das almas e espíritos que vagam pela estratosfera', este último referindo-se talvez aos atuais satélites de comunicação (RAINHO).

A primeira obra sobre o assunto, ainda sem a moderna denominação, foi "Vozes do Além pelo Telefone (Novo e admirável sistema de comunicação - Os espíritos falando pelo telefone)" de Oscar D'Argonnel, publicada no Rio de Janeiro, em 1925. O autor conhecido pesquisador espírita do começo do século XX, nela reuniu diversos casos onde a comunicação com os mortos podia dar-se através do telefone. Apesar de suas ponderadas considerações, por ser um veículo particularmente propenso a fraudes e engodos, o assunto não mereceu outras abordagens mais sérias, durante décadas.

A moderna fase da TCI iniciou-se com o crítico de arte sueco Friedrich Jürgenson (1903-1987) que, em seus

momentos de lazer, em sua casa de campo em Molbno, tinha o hábito de gravar o canto dos pássaros da região. Em 1959, ao escutar uma dessas gravações, deparou-se com vozes humanas entre os cantos gravados. Estranhou o fato, uma vez que estivera absolutamente só ao realizar a gravação, no meio de um bosque. Ao ouvir com mais cuidado, notou que se tratava de vozes de pessoas e que podiam ser percebidas palavras em vários idiomas, o que descartava a hipótese de interferência de alguma emissora de rádio. Aprofundando-se em novas gravações, assombrou-se ao perceber que as vozes o chamavam pelo nome, por apelidos e que podiam responder a perguntas feitas no local, o que também descartava a hipótese de captação de radioamador ou outro tipo de transmissão à distância. Indagando de quem seriam aquelas vozes, a resposta não tardou: "Somos os mortos..."

A partir de então, Jüergenson aprofundou-se nas pesquisas e aperfeiçoou o método de captação de vozes. Com os resultados obtidos, lançou a obra "Sprechfunk Mit Verstorbenem" (1967, publicada em língua portuguesa em 1972 sob o título "Telefone para o Além"), tornando o assunto conhecido do grande público.

Outra referência sobre a pesquisa em TCI é o trabalho do Dr. Konstantin Raudive (1909-1974) publicada sob o título "Unhörbares Wird Hörbar" (1968), publicada em língua inglesa em 1971 sob o título "Breakthrough". Nela relaciona diversos nomes de estações emissoras do além, como a "Studio Kelpé", "Rádio Peter", "Kegele", "Kostule", "Ponte Goethe", "Vários Transmissores", "Rádio Sigtuma", "Arvides", "Irvines", entre outras (RAUDIVE, 1971:178).

Posteriormente, em 1978 o pesquisador estadunidense George Meek, através de um aparelho de sua invenção, o

"Spiricom", estabeleceu diálogo com um espírito identificado como "Dr. Muler". Na década de 1980 muitos outros contatos foram registrados por outros pesquisadores, nomeadamente na Europa.

Nos anos 1970, a escritora Hilda Hilst foi uma pioneira nas experiências com Transcomunicação Instrumental, tendo gravado diversas vozes em sua residência, a Casa do Sol. Em entrevista à revista Planeta de Julho de 1977, afirmou ter se interessado pelo tema após ler o livro Telefone para o Além, de Friedrich Jürgenson.

O Brasil sediou um Congresso Internacional de Transcomunicação em Maio de 1992, na cidade de São Paulo, com a participação dos pesquisadores Hernani Guimarães Andrade e Sônia Rinaldi. No país, à época, a maioria das comunicações era registada através de gravadores de fita magnética."

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Transcomunica%C3%A7%C3%A3o_instrumental)

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE:

- 1 – A Filosofia, através principalmente de Pitágoras, já tinha chegado à conclusão acerca da realidade da reencarnação;**
- 2 – A Psicobiofísica, dentre outros ramos da Ciência, mostra, todos os dias, os resultados das pesquisas nesse sentido, os quais podem ser compulsados aqui mesmo no Brasil, no Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP).**
- 3 – Quem duvida, estude o assunto, consulte as centenas de fontes ou, simplesmente, vá ao IBPP.**

**SEGUNDA PARTE:
ALIENÍGENAS
REENCARNADOS**

1 – VIDA HUMANA EM OUTROS ORBES

Considerando a mesma linha de raciocínio de René Descartes (“*penso, logo existo*”), podemos deduzir que, uma vez que há vida humana na Terra, igualmente a há em todos os planetas, pois não faz sentido um Universo desabitado, ou melhor, os inúmeros Universos superpostos, pois que não existirá, logicamente, apenas o Universo tridimensional.

Tudo isso são meras consequências do uso da razão, da racionalidade, ferramenta da Filosofia e da Ciência.

Portanto, parecerá aos prezados leitores que estamos “*viajando na maionese*” ao chegar a essas conclusões?

Se achar que sim, pode parar a leitura por aqui e continuar a levar sua vida sem acreditar mais em nada: talvez até duvidando de que pensa e de que existe.

Em caso contrário, se quiser continuar caminhando conosco, ou, em outras palavras, viajando nas asas da razão, da inteligência aplicada, iremos adiante, reconhecendo que os Universos superpostos são habitados.

Sendo habitados por seres humanos, naturalmente que não terão a mesma aparência que nós, nem também o mesmo nível intelecto-moral, pois haverá humanidades mais adiantadas e outras mais atrasadas, pois a Terra não será o mais adiantado dos mundos nem o mais atrasado.

Aliás, por exemplo, somente se pode dizer que algo é bom ou ruim, adiantado ou atrasado etc. se o compararmos com outro ou outros. Assim, teremos como racional a ideia de que há humanidades superiores intelecto-moralmente que a da Terra e inferiores.

As humanidades inferiores, a curto prazo, não conseguiriam vir até aqui, pois sua tecnologia não terá inventado naves espaciais, mas as superiores terão já à sua disposição naves para viagens interplanetárias: esses são os chamados impropriamente “*discos voadores*”.

Essas viagens de alienígenas à Terra se fariam, então, com a utilização de “*discos voadores*”.

E os habitantes desses mundos mais adiantados estariam impedidos de reencarnar aqui na Terra, considerando-se a reencarnação provada pela Filosofia e pela Ciência? – É evidente que não se lhes cerceará a oportunidade de reencarnarem aqui, como os terrícolas repetem suas vidas neste planeta.

E o que viriam eles fazer aqui, senão auxiliar esta humanidade primitiva a desenvolver-se moral e intelectualmente?

Como se diferenciam esses indivíduos daqueles comuns aqui da Terra senão pela sua superioridade intelectual ou moral? Nem todos eles se destacariam pelo intelecto, parecendo pessoas de nível mediano nesse aspecto, enquanto que outros deles seriam notabilizados pela sua estabilidade mental e emocional.

Citemos, no caso de destaque intelectual, um Mozart ou um Einstein, e, no caso de superioridade mento-emocional a guru indiana Amma.

A seguir desdobraremos esses temas, didaticamente, vagarosamente, mas sempre convidando nossos prezados leitores a raciocinar, questionando qualquer afirmação que entenda herética contra a regra cartesiana da racionalidade.

1.1– PESQUISAS AMERICANAS E RUSSAS

Quando se iniciou a fase dos voos espaciais estava sendo inaugurada uma nova etapa no progresso científico da humanidade terrena.

Deveríamos, talvez, comemorar mais o feito da chegada do homem terrestre à Lua.

Veja-se o que Jussara Barros escreveu a respeito:

“Este é um pequeno passo para um homem, mas um enorme salto para a humanidade” foi a frase dita por Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na lua.

No dia 20 de julho comemora-se quarenta anos desse feito. Neil Armstrong, astronauta americano e piloto de avião, deixou seu nome e suas botas gravados na história, através da missão Apolo 11.

Com mais dois tripulantes, Edwin Aldrin e Michael Collins, Armstrong partiu para a viagem de oito dias sem saber se seria possível ou não pisar no satélite.

O foguete partiu da Flórida no dia 16 de julho, às 13h32min, do Centro Espacial Kennedy, podendo ser observado por centenas de milhares de pessoas. Foi feita uma transmissão televisiva, ao vivo, para o mundo todo.

A missão foi um sucesso, atingindo o objetivo do antigo Presidente americano John Kennedy, sendo que o astronauta, comandante da missão, tornou-se o primeiro homem a caminhar na superfície lunar, numa experiência de duas horas, acompanhado por seu companheiro Edwin Aldrin.

A nave foi dividida em dois módulos, uma parte continuou no espaço enquanto a outra fazia o pouso.

Ao chegarem à superfície da lua e pousarem, permaneceram por seis horas e meia dentro da nave, até serem liberados pela NASA para abrirem a escotilha.

Ao sair do módulo, Neil Armstrong testou se poderia ou não pisar no solo lunar. Carregava consigo uma câmera de TV, que fazia a transmissão das imagens. Suas pegadas ficaram marcadas, e puderam ser vistas em várias fotos e filmagens que os mesmos fizeram.

Segundo os astronautas, a aparência física da lua era de solo granulado e cinza, tendo uma característica empoeirada.

O peso de Armstrong, com a devida roupa, chegava a apenas trinta quilos, em consequência do campo gravitacional, seis vezes menor que o da Terra. O peso da mochila o puxava para trás, fazendo perder o equilíbrio nos primeiros minutos, mas o astronauta conseguiu contornar a situação rapidamente.

Aldrin também se arriscou em caminhar pela superfície lunar, hasteou a bandeira americana e fez continência à mesma.

Coletaram amostras do solo e tiraram cerca de cem fotografias. Por último, conversaram com o presidente americano, Richard Nixon, e foram assistidos por milhões de telespectadores do mundo.

Das imagens vistas aqui da Terra, dava a impressão que os dois astronautas brincavam em solo lunar, dando pulos, testando a baixa gravidade do local.

Hoje sabe-se que a massa da Lua é oitenta e uma vezes menor que a da Terra, assim como seu diâmetro é 3,66 vezes inferior. Não possui atmosfera e sua superfície é bem acidentada, com montanhas e crateras.

(<http://www.brasilecola.com/datas-comemorativas/apolo-11chegada-homem-lua.htm>)

1.2 – “DISCOS VOADORES”: MÚLTIPLOS TESTEMUNHOS

Pedimos desculpas aos prezados leitores por estarmos a fazer muitas transcrições ao invés de desenvolvermos, com nossas próprias palavras, os temas que pretendemos fazer chegar ao seu conhecimento, mas ficaria extremamente dificultoso nosso trabalho, que não é, na verdade, um tratado científico nem filosófico, mas uma reflexão, cuja finalidade é concluirmos que a reencarnação é uma realidade da Natureza e que estão e sempre estiveram reencarnados aqui na Terra homens e mulheres que viveram antes em planetas mais adiantados, sendo que aqui estão para nos ajudar no desenvolvimento da inteligência e da moralidade.

Isto posto, vejamos o que está registrado na Wikipédia sob a rubrica “*disco voador*”:

“A expressão popular disco voador é traduzida do inglês flying saucer ('pires voador'), criada na década de 1940 para definir um objeto voador com características físicas semelhante aos pratos voadores lançados ao ar por ocasião dos festejos do reveillon.

Os formatos relatados para tais objetos se diversificaram desde então, mas a expressão disco voador permanece ainda para denominar genericamente um objeto voador que se pressupõe não terrestre.

O dicionário Michaelis trata a expressão UFO, de origem americana, com a tradução OVNI – Objeto Voador Não Identificado e com a tradução disco voador, mas ressalta que a expressão disco voador é de origem popular.

A expressão OVNI é usada para denominar um disco voador, uma sonda e um objeto voador de origem humana usado em espionagem.

A existência de discos voadores não é reconhecida publicamente pela grande maioria dos governos oficiais do mundo, mas nas Forças Armadas o assunto é tratado

com muita discrição, porém muitas pessoas das mais variadas origens, culturas, classes sociais e profissões afirmam ter visto discos voadores, incluindo entre essas pessoas militares da reserva que afirmam que a “tecnologia alienígena” realmente existe e é extremamente avançada.

Surpreendentemente, afirmam que as naves são quase totalmente metálicas, não usam combustíveis derivados de petróleo e não têm sistemas de navegação, controle e rastreamento semelhantes aos sistemas eletrônicos usados por seres humanos em aeronaves, foguetes e satélites.

A quantidade de registros visuais feitos por cidadãos comuns é grande. Supõe-se que esses objetos voadores possam ter origem extraterrestre ou alienígena, principalmente pelo fato de que a extraordinária e impressionante capacidade de manobrabilidade deles é absolutamente incomparável aos equipamentos atualmente produzidos pelo ser humano, sejam eles para uso militar ou para uso civil.

A expressão OVNI, que é uma sigla para Objeto Voador Não Identificado, é usada para designar o que se supõe serem discos voadores, que seriam tripulados por seres inteligentes de outros planetas, e sondas, que não seriam tripuladas mas seriam controladas remotamente por esses seres inteligentes. Os discos voadores e as sondas têm formatos diferentes e há suposições de que tenham a mesma origem extraterrestre ou alienígena.

Curiosamente e surpreendentemente, a expressão OVNI é aceita entre militares de muitos países e há relatórios militares divulgados por alguns governos mundiais (aqui no Brasil, por exemplo, uma parte está disponível no Arquivo Nacional) que usam essa expressão para designar tais objetos voadores, sem no entanto afirmarem explicitamente que são controlados por ETs.

Segundo relatos de civis e alguns militares da reserva os discos voadores são naves para transporte, criadas e produzidas em outros planetas por seres muito inteligentes em alguns aspectos, de civilizações muito avançadas em alguns aspectos, e são usadas em suas “missões exploratórias” a outros planetas, incluindo a Terra, uma parte das “missões exploratórias” é pacífica e inofensiva e outra parte não é ética e algumas dessas “missões” são invasivas e violentas.

É muito comum que se confunda discos voadores e sondas com satélites artificiais de baixa órbita circular de diferentes constelações, incluindo aqueles usados para sensoriamento remoto e telefonia por satélite, que circundam o Globo Terrestre a altas velocidades, refletindo a luz solar pelos seus painéis utilizados na geração própria de energia elétrica, mas aqui em baixo o seu curioso aspecto é de um pequeno ponto luminoso que pode ser avistado por qualquer pessoa entre o anoitecer até aproximadamente 20 horas ou 21 horas.

Apesar de serem "relatados" desde tempos remotos da Humanidade, os OVNI's tornaram-se mais conhecidos de 50 anos para cá, como consequência natural do grande avanço da tecnologia humana na captura de imagens e na difusão da informação pelos meios de comunicação.

Os ufólogos são pessoas que dedicam uma parte do seu tempo e esforço para pesquisar e investigar informalmente o suposto fenômeno, atualmente o trabalho dos ufólogos não é reconhecido como profissão.

A expressão "disco voador" é somente usada nos países de língua portuguesa. Conforme observou o coronel da Reserva da Aeronáutica, Uyrangê Hollanda Lima, em várias línguas as expressões usadas para se referir a supostas naves vindas de outros planetas são "pires voadores" ou "pratos voadores".

Outros exemplos de objetos e fenômenos frequentemente confundidos com discos voadores: sinalizadores de emergência, balões meteorológicos e de festas juninas, meteoritos entrando na atmosfera terrestre, nuvens lenticulares e lixo espacial entrando na atmosfera terrestre.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Disco_voador)

2– GÊNIOS DA HUMANIDADE

Há alguns poucos seres humanos que se diferenciam tanto das demais pessoas, seja pela inteligência, seja pela moralidade, que os primeiros recebem o qualificativo de gênios e os segundos de santos ou equivalentes.

Relacionemos alguns gênios: Alexandre da Macedônia, Platão, Aristóteles, Leonardo da Vinci, Mozart, Beethoven, Napoleão Bonaparte, Einstein, Bill Gates, Pelé, Cassius Clay e Michael Jordan.

Eles, com sua atuação, abrem caminhos novos para a sua geração, mas, principalmente, pelo fato de nem sempre serem compreendidos e aceitos por seus contemporâneos, pelas gerações futuras, a ponto de, a partir deles, o progresso, que vinha se encaminhando em “*progressão aritmética*”, passar a acontecer em “*progressão geométrica*”.

2.1– MOZART

Diz a Wikipédia:

Mozart mostrou uma habilidade musical prodigiosa desde sua infância. Já competente nos instrumentos de teclado e no violino, começou a compor aos cinco anos de idade, e passou a se apresentar para a realeza europeia, maravilhando a todos com seu talento precoce. Chegando à adolescência, foi contratado como músico da corte em Salzburgo, porém as limitações da vida musical na cidade o impeliram a buscar um novo cargo em outras cortes, mas sem sucesso. Ao visitar Viena em 1781 com seu patrão, desentendeu-se com ele e solicitou demissão, optando por ficar na capital, onde, ao longo do resto de sua vida, conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira. Seus últimos anos viram surgir algumas de suas sinfonias, concertos e óperas mais conhecidos, além de seu Requiem. As circunstâncias de sua morte prematura deram origem a diversas lendas. Deixou uma esposa, Constanze, e dois filhos.

Foi autor de mais de seiscentas obras, muitas delas referenciais na música sinfônica, concertante, operística, coral, pianística e camerística. Sua produção foi louvada por todos os críticos de sua época, embora muitos a considerassem excessivamente complexa e difícil, e estendeu sua influência sobre vários outros compositores ao longo de todo o século XIX e início do século XX. Hoje Mozart é visto pela crítica especializada como um dos maiores compositores do ocidente, conseguiu conquistar grande prestígio mesmo entre os leigos, e sua imagem se tornou um ícone popular.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfgang_Amadeus_Mozart)

2.2– EINSTEIN

Consta da Wikipédia:

Albert Einstein (Ulm, 14 de março de 1879 — Princeton, 18 de abril de 1955) foi um físico teórico alemão, posteriormente radicado nos Estados Unidos, que desenvolveu a teoria da relatividade geral, um dos dois pilares da física moderna (ao lado da mecânica quântica). Embora mais conhecido por sua fórmula de equivalência massa-energia, $E = mc^2$ (que foi chamada de "a equação mais famosa do mundo"), foi laureado com o Prêmio Nobel de Física de 1921 "por seus serviços à física teórica e, especialmente, por sua descoberta da lei do efeito fotoelétrico". O efeito fotoelétrico foi fundamental no estabelecimento da teoria quântica.

No início de sua carreira Einstein descobriu que a mecânica newtoniana não era mais suficiente para reconciliar as leis da mecânica clássica com as leis do campo eletromagnético. Isto o levou ao desenvolvimento da teoria da relatividade especial. Einstein percebeu, no entanto, que o princípio da relatividade também pode ser estendido para campos gravitacionais, e com a sua teoria da gravitação posterior, de 1916, publicou um artigo sobre a teoria da relatividade geral. Continuando a lidar com problemas da mecânica estatística e teoria quântica, aplicou sua teoria a partículas e ao movimento browniano. Também investigou as propriedades térmicas da luz, que lançou as bases da teoria do fóton de luz. Em 1917 aplicou a teoria da relatividade geral para modelar a estrutura do universo como um todo.

Einstein estava nos Estados Unidos quando Adolf Hitler chegou ao poder na Alemanha, em 1933, e não voltou para a Alemanha, onde tinha sido professor da Academia de Ciências de Berlim. Estabeleceu-se então nos Estados Unidos, onde naturalizou-se em 1940. Na véspera da Segunda Guerra Mundial, ajudou a alertar o presidente

Franklin D. Roosevelt, que a Alemanha poderia estar desenvolvendo uma arma atômica, recomendando aos Estados Unidos começar uma pesquisa semelhante, o que levou ao que se tornaria o Projeto Manhattan. Einstein apoiou as forças aliadas, denunciando no entanto a descoberta da fissão nuclear como uma arma. Mais tarde, com o filósofo britânico Bertrand Russell, assinou o Manifesto Russell-Einstein, que destacou o perigo das armas nucleares. Einstein foi afiliado ao Instituto de Estudos Avançados de Princeton até sua morte em 1955.

Einstein publicou mais de 300 trabalhos científicos, juntamente com mais de 150 obras não-científicas. Suas grandes conquistas intelectuais e originalidade fizeram a palavra "Einstein" sinônimo de gênio. 100 físicos renomados elegeram-no, em 1999, o mais memorável físico de todos os tempos.

2.3– JOHN LENNON

Está na Wikipédia:

John Winston Lennon MBE (Liverpool, 9 de outubro de 1940 — Nova Iorque, 8 de dezembro de 1980) foi um músico, guitarrista, cantor, compositor, escritor e ativista britânico.

*John Lennon ganhou notoriedade mundial como um dos fundadores do grupo de rock britânico The Beatles. Na época da existência dos Beatles, John Lennon formou com Paul McCartney o que seria uma das melhores e mais famosas duplas de compositores de todos os tempos, a dupla Lennon/McCartney. John Lennon foi casado com Cynthia Powell, e com ela teve o filho Julian. Em 1966, conheceu a artista plástica japonesa Yoko Ono. Em 1968, Lennon e Yoko produziram um álbum experimental, *Unfinished Music No.1: Two Virgins*, que causou controvérsia por apresentar o casal nu, de frente e de costas, na capa e contracapa. A partir deste momento, John e Yoko iniciariam uma parceria artística e amorosa. Cynthia Powell pediu o divórcio no mesmo ano, alegando adultério. Em 1969, o casal se casou numa cerimônia privada no rochedo de Gibraltar. Usaram a repercussão de seu casamento para divulgar um evento pela paz, chamado de "Bed in", ou "John e Yoko na cama pela paz", como um resultado prático de sua lua-de-mel, realizada no Hotel Hilton, em Amsterdã. No final do mesmo ano, Lennon comunicou aos seus parceiros de banda que estava deixando os Beatles. Ainda no mesmo período, Lennon devolveu sua medalha de Membro do Império Britânico à Rainha Elizabeth, como uma forma de protesto contra o apoio do Reino Unido à guerra do Vietnã, o envolvimento do Reino Unido no conflito de Biafra e "o fraco desenvolvimento de Cold Turkey nas paradas de sucesso".*

*Em 10 de abril de 1970, Paul McCartney anunciou oficialmente o fim dos Beatles. Antes disso, John Lennon havia lançado outros dois álbuns experimentais, *Life with lions* e *Wedding album*. Também lançara o compacto "Cold Turkey" e o disco ao vivo *Live peace in Toronto*, creditados à banda *Plastic Ono Band*, com a participação de Eric Clapton. No final do ano, sai o primeiro disco solo de Lennon, após o fim dos Beatles: *John Lennon/Plastic Ono Band*, que contou com a participação de Ringo Starr, Yoko Ono e Klaus Voormann.*

Durante a década de 1970, John e Yoko envolveram-se em vários eventos políticos, como promoção à paz, pelos direitos das mulheres e trabalhadores e também exigindo o fim da Guerra do Vietnã. Seu envolvimento com líderes da extrema-esquerda norte-americana, com Jerry Rubin, Abbie Hoffman e John Sinclair, além de seu apoio formal ao Partido dos Panteras Negras, deu início a uma perseguição ilegal do governo Nixon ao casal. A pedido do Governo, a Imigração deu início a um processo de extradição de John Lennon dos EUA, que durou cerca de três anos, período em que John ficou separado de Yoko Ono por 18 meses, entre 1973 e 1975.

*Após reconciliar-se com Yoko, vencer o processo de imigração e conseguir o Green Card, Lennon decidiu afastar-se da música para dedicar-se à criação de seu filho Sean Taro Ono Lennon, nascido no mesmo dia de seu aniversário, em 1975. O casal voltou aos estúdios em 1980 para gravar um novo álbum, *Double Fantasy*, lançado em novembro. Era como um recomeço. Porém em 8 de dezembro do mesmo ano, John foi assassinado em Nova York por Mark David Chapman, quando retornava do estúdio de gravação junto com a mulher.*

Dentre as composições de destaque de John Lennon (creditadas a Lennon/ McCartney) estão "Help!", "Strawberry Fields Forever" e "All You Need Is Love", "Revolution", "Lucy in the Sky with Diamonds", "Come Together", "Across the Universe", "Don't Let Me Down" e na carreira solo "Imagine", "Instant Karma!", "Happy Xmas (War is Over)", "Woman", "(Just Like) Starting Over" e "Watching the Wheels".

Recebe Estrela da Calçada da Fama de Hollywood em 30 de setembro de 1988.

Em 2002, John Lennon entrou em oitavo lugar em uma pesquisa feita pela BBC como os 100 mais importantes britânicos de todos os tempos.

Recentemente, em 2008, John foi considerado pela revista Rolling Stone o 5º melhor cantor de todos os tempos.

Foi considerado o 55º melhor guitarrista de todos os tempos pela revista norte-americana Rolling Stone.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Lennon)

2.4- BILL GATES

Está na Wikipédia:

William Henry Gates III KBE, GCIH, (Seattle, 28 de outubro de 1955) mais conhecido como Bill Gates, é um magnata, filantropo e autor norte-americano, que ficou conhecido por fundar junto com Paul Allen a Microsoft, a maior e mais conhecida empresa de software do mundo em termos de valor de mercado.

Gates ocupa atualmente o cargo de presidente não-executivo da Microsoft, além de ser classificado regularmente como a pessoa mais rica do mundo, posição ocupada por ele de 1995 a 2007, 2009, e em 2013 .É um dos pioneiros na revolução do computador pessoal.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Bill_Gates)

2.5– PELÉ

Registra a Wikipédia:

Edson Arantes do Nascimento KBE, mais conhecido como Pelé (Três Corações, 23 de outubro de 1940)

Pelé é o maior futebolista da história. Em 1999, foi eleito o Futebolista do Século pela International Federation of Football History and Statistics. No mesmo ano, a revista francesa France Football consultou os ex-vencedores do Ballon D'Or para eleger o Futebolista do Século; Pelé classificou-se em primeiro. Em sua carreira, no total, marcou 1281 gols em 1363 partidas, número que fez dele o maior artilheiro de toda história do futebol.

Recebeu o título de Atleta do Século de todos os esportes em 15 de maio de 1981, eleito pelo jornal francês L'Equipe. No fim de 1999, o Comitê Olímpico Internacional, após uma votação internacional entre todos os Comitês Olímpicos Nacionais associados, também elegeu Pelé o "Atleta do Século". A FIFA também o elegeu, em 2000, numa votação feita por renomados ex-atletas e ex-treinadores como O Jogador de Futebol do Século XX.

No Brasil, Pelé é saudado como um herói nacional por suas realizações e contribuições ao futebol. Também é conhecido pelo seu apoio a políticas para melhorar as condições sociais dos pobres, tendo inclusive dedicado seu milésimo gol às crianças pobres brasileiras. Durante sua carreira, foi chamado de Rei do Futebol, Rei Pelé, ou simplesmente Rei.

Descoberto pelo craque Waldemar de Brito, Pelé começou a jogar pelo Santos FC aos 15 anos, pela seleção nacional aos 16, e venceu sua primeira Copa do Mundo FIFA aos 17. Apesar das numerosas ofertas de clubes europeus, as condições econômicas e as regulações do futebol brasileiro da época beneficiaram o

Santos, permitindo-lhes manter Pelé por quase duas décadas até 1974. Com o Rei no elenco, o Santos atingiu seu auge nos anos de 1962 e 1963, anos em que conquistou o título mundial. A técnica de Pelé e sua capacidade atlética natural foram universalmente elogiadas e durante sua carreira, ficou famoso por sua excelente habilidade de drible e passe, seu ritmo, chute poderoso, excepcional habilidade de cabecear, e artilharia prolífica.

Ele é o maior artilheiro de todos os tempos da seleção brasileira e é o único futebolista a ter feito parte de três equipes campeãs de Copa do Mundo. Em novembro de 2007, a FIFA anunciou sua premiação com a medalha da Copa de 1962 (a qual, devido a uma contusão na segunda partida, teve apenas o primeiro jogo disputado por ele), no qual o grande craque Garrincha o substituiu, retroativamente, fazendo dele o único futebolista do mundo a ter três medalhas de Copa do Mundo. Desde sua aposentadoria em 1977, Pelé tornou-se um embaixador mundial do futebol, também tendo passagens pelas artes cênicas e empreendimentos comerciais. É atualmente o Presidente Honorário do New York Cosmos.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pelé>)

3- PESSOAS INTELECTUALMENTE SUPERDOTADAS: QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA (QI)

A Wikipédia informa:

Quociente de inteligência (abreviado para QI, de uso geral) é uma medida obtida por meio de testes desenvolvidos para avaliar as capacidades cognitivas (inteligência) de um sujeito, em comparação ao seu grupo etário. A medida do QI é normalizada para que o seu valor médio seja de 100 e que tenha um determinado desvio-padrão, como 15.

Os testes de inteligência surgiram na China, no século V, e começaram a ser usados cientificamente na França, no século XX.

*Em 1905, Alfred Binet e o seu colega Theodore Simon criaram a Escala de Binet-Simon, usada para identificar estudantes que pudessem precisar de ajuda extra na sua aprendizagem escolar. Os autores da escala assumiram que os baixos resultados nos testes indicavam uma necessidade para uma maior intervenção dos professores no ensino destes alunos e não necessariamente que estes tivessem inabilidade de aprendizagem (ver comentários sobre isso em "Observações"). Esta opinião ainda é defendida por alguns autores modernos que não são de áreas psicométricas. No seu artigo *New Methods for the Diagnosis of the Intellectual Level of Subnormals* Binet relata:*

Esta escala, propriamente falando, não permite a medida da inteligência, porque as qualidades intelectuais não são sobreponíveis e, portanto, não pode ser medido como superfícies lineares são medidos, mas são, pelo contrário, uma classificação, uma hierarquia entre as diversas inteligências, e para as necessidades da prática dessa classificação é equivalente a uma medida. Com prática, treino e, acima de tudo, método - escreveu Alfred Binet em 1909, podemos aprimorar nossa atenção, nossa

memória, nosso julgamento, e literalmente nos tornamos mais inteligentes do que jamais fomos .

Em 1912, Wilhelm Stern propôs o termo “QI” (quociente de inteligência) para representar o nível mental, e introduziu os termos "idade mental" e "idade cronológica". Stern propôs que o QI fosse determinado pela divisão da idade mental pela idade cronológica. Assim uma criança com idade cronológica de 10 anos e nível mental de 8 anos teria QI 0,8, porque $8 / 10 = 0,8$.

Em 1916, Lewis Madison Terman propôs multiplicar o QI por 100, a fim de eliminar a parte decimal: $QI = 100 \times IM / IC$, em que IM = idade mental e IC = idade cronológica. Com esta fórmula, a criança do exemplo acima teria QI 80.

A classificação proposta por Lewis Terman era a seguinte:

- *QI acima de 140: Genialidade*
- *121 - 140: Inteligência muito acima da média*
- *110 - 120: Inteligência acima da média*
- *90 - 109: Inteligência normal (ou média)*
- *80 - 89: Embotamento*
- *70 - 79: Limítrofe*
- *50 - 69: Raciocínio Lento*

Sendo assim, a fórmula exata do QI era:

$$QI = \frac{IdadeMental}{IdadeCronologica} \times 100$$

Para determinar o Quociente de inteligência de uma pessoa Terman desenvolveu um teste que contém perguntas que iam desde problemas matemáticos até itens vocabulares, o qual pretendia apreender a "inteligência

geral" (ver: inteligências múltiplas), uma habilidade mental inata que ele considerava tão mensurável quanto a altura ou o peso. Essa constante fundamental, que Terman chamava de um "dote original", não seriam alterada pela educação, pelo ambiente familiar ou pelo trabalho árduo.

*Lewis Madison Terman surpreendeu os Estados Unidos com seu teste. Ele lançou *The Measurement of Intelligence*, um livro que é metade manual de instruções e teste de QI, metade em prol dos testes universais. Seu pequeno teste, que uma criança poderia terminar em apenas cinquenta minutos, estava prestes a revolucionar o que os alunos aprendiam e a ideia que eles faziam de si mesmos. Poucas crianças norte-americanas passaram pelo sistema educacional nos últimos oitenta anos sem fazer o teste Stanford-Binet ou alguns de seu concorrentes. O teste de Terman deu aos educadores dos Estados Unidos a primeira maneira simples, rápida, barata e aparentemente objetiva de "acompanhar" estudantes ou destina-los a cursos diferentes, de acordo com suas habilidades.*

Em 1917, quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, Terman ajudou a desenvolver testes para avaliar recrutas do Exército. Mais de 1,7 milhão de convocados se submeteu a esses exames, ampliando a disseminação dos testes de QI.

O teste de QI fez de Terman um líder no fervilhante movimento para levarem testes do gênero para além das escolas e das bases militares. Os defensores da causa consideravam a inteligência a mais valiosa das qualidades humanas, e queriam testar cada criança e cada adulto para determinar seus lugares na sociedade. Os "testadores de inteligência" - um grupo que incluiu muitos eugenistas - viam isso como uma ferramenta para

engendrar uma nação mais segura, adequada e eficiente, uma meritocracia controlada por aqueles mais qualificados para liderá-la.

Na visão que tinham de uma América nova e vibrante, resultados de QI ditariam não só que tipo de educação uma pessoa receberia, mas também que emprego ela poderia conseguir. As vagas mais importantes e recompensas em empresas, nas profissões liberais, nas universidades e no governo ficariam para cidadãos mais brilhantes. Pessoas com pontuação muito baixas - abaixo de 75, aproximadamente - seriam internadas e desencorajadas ou proibidas de terem filhos.

Testes de QI geraram críticas desde o início. Para o jornalista Walter Lippmann, os testadores de inteligência eram "o Esquadrão da Morte Psicológico", buscando um poder sem paralelo sobre o futuro de uma criança. Lippmann e Terman duelaram nas páginas da revista The Republic entre 1922 e 1923.

Eu odeio a insolência por trás da afirmação de que cinquenta minutos podem julgar e determinar a aptidão predestinada de um ser humano para a vida, escreveu Lippmann. Odeio a sensação de superioridade que ela cria, e a sensação de inferioridade que ela impõe.

Em uma réplica sarcástica Terman comparou Lippmann ao criacionista William Jennings Bryan e outros oponentes do progresso científico, atacando em seguida o estilo de escrita de Lippmann, ao classificá-lo como "verborrágico demais para ser citado ao pé da letra". Embora nunca tenha conseguido igualar a eloquência de Lippmann, no fim das contas Terman venceu a guerra: testes de inteligência continuaram a se espalhar.

Em 1939, David Wechsler criou o primeiro teste de QI desenvolvido explicitamente para adultos, tendo abandonado o sistema da divisão da "idade mental" pela

cronológica (método que não faria grande sentido para adultos). Em vez disso, os testes passaram a ser calibrados de forma a que o resultado médio fosse 100, com um desvio-padrão de 15.

Em 2005, o teste de QI mais usado no mundo foi o Raven Standard Progressive Matrices. O teste individual mais usado é o WAIS-III. O teste de Q.I. individual mais administrado em pessoas de 6 a 16 anos é o WISC-III (Escala de Inteligência Wechler para Crianças), originalmente desenvolvido em 1949, revisado em 1974 (WISC-R), 1991 (WISC-III) e 2003 (WISC-IV). Tanto o WAIS quanto o WISC foram criados por David Wechsler. A última versão do WAIS consiste em 14 subtestes destinados a avaliar diferentes faculdades cognitivas. O WISC é constituído por 13 subtestes. Os subtestes são subjetivamente estratificados em dois grupos: escala verbal e escala de execução (também chamada escala performática), contudo os estudos objetivos, baseados em Análise Fatorial, não oferecem respaldo à classificação subjetiva em vigor.

A classificação, originalmente proposta por Davis Wechsler era a seguinte:

- *QI acima de 130: Superdotação*
- *120 - 129: Inteligência superior*
- *110 - 119: Inteligência acima da média*
- *90 - 109: Inteligência média*
- *80 - 89: Embotamento ligeiro*
- *66 - 79: Limítrofe*
- *51 - 65: Debilidade ligeira*
- *36 - 50: Debilidade moderada*

- *20 - 35: Debilidade severa*
- *QI abaixo de 20: Debilidade profunda*

Outro teste de Q.I. comumente utilizado em crianças é a Escala de Bailey de desenvolvimento infantil.

As pontuações no teste de QI distribuem-se aproximadamente como uma distribuição normal, também conhecida como Gaussiana e popularmente conhecida como curva do sino. A Gaussiana é a mais simples e mais conhecida, embora não seja a mais apropriada para representação destas distribuições. Na maioria das vezes, é mais adequado usar uma Weibull ou uma Gumbel, que se mostram mais aderentes aos dados empíricos. Em pontuações comparando as espécies, entre o homem e o animal, o animal com o maior Q.I. é o macaco, podendo ser testado com brincadeiras lógicas. Comparando os sexos, o homem possui um histórico favorável ao da mulher nos dados de Q.I. O que poderia contribuir neste quesito seria o fato do homem ser mais concebível que a mulher, podendo pensar com mais tranquilidade e raciocinando as situações com mais lógica.

Acredita-se que pessoas com um Q.I. elevado têm menores índices de morbidade e mortalidade, quando adultas. Também apresentam menos risco de sofrerem de desordens relacionadas ao estresse pós-traumático, depressão acentuada e esquizofrenia. Por outro lado, aumenta o risco de padecimento de transtorno obsessivo-compulsivo. Existe uma grande possibilidade dessa correlação existir pelo fato de que pessoas com um Q.I. mais alto tem em média indicadores socioeconômicos maiores, possibilitando um acesso melhor à saúde e informação. Apesar de ser questionável esta tese do indicador socioeconômico visto que há estudos que dizem que a grande maioria dos gênios são pobres. Também há informações que indicam que os maiores gênios da

humanidade morreram sob dificuldades financeiras ou pobres.

No começo dos anos 1920, Lewis Madison Terman deu início a um estudo maciço sobre crianças extraordinárias, que se estendeu por décadas a fio, batizado de Estudos Genéticos da Genialidade. Ele alegava que a maioria das crianças bem-sucedidas possuía genes de elite que as conduziam rumo ao sucesso por toda a vida. Para provar essa tese, começou a acompanhar quase 1.500 crianças californianas em idade escolar, identificadas através de testes de QI como "excepcionalmente superiores". Infelizmente, à medida que as crianças excepcionais de Terman amadureciam, se tornavam cada vez menos excepcionais. De fato, tornavam-se adultos mais saudáveis e bem-sucedidos do que a média norte-americana, mas muito poucos se revelavam geniais ou insuperáveis. Nenhuma delas ganhou o prêmio Nobel - como foi o caso de duas das crianças descartadas inicialmente nos testes. Nenhuma se tornou um músico de renome mundial - como duas das rejeitadas por Terman: Isaac Stern e Yehudi Menuhin. No fim das contas, o estudo épico de Terman sobre genialidade acabou se mostrando uma pesquisa sobre decepção.^[5]

A frustração foi especialmente aguda em relação à nata do grupo de Terman - os 5,0% que fizeram 180 ou mais pontos de QI. A impressão que fica é a de que os indivíduos estudados que fizeram acima de 180 pontos não são tão extraordinários quanto o esperado, concluiu David Henry Feldman, da Universidade de Tufts, em uma avaliação do estudo feita em 1984:

Tem-se a sensação decepcionante de que eles poderiam ter ido mais longe na vida.

Alguns anos depois, Feldman concluiu seu próprio estudo sobre seis crianças prodígio na música, na arte, no xadrez e na matemática. Nenhum dos seus objetos de

pesquisa teve um desempenho extraordinário na vida adulta. Em sua pesquisa, Ellen Winner havia descoberto a mesma coisa. Em grande parte, as crianças talentosas, e até mesmo crianças prodígio, não se tornam grandes criadores na vida adulta, ela relatou.

O psicopedagogo Reuven Feuerstein afirma que a inteligência pode ser "expandida". De acordo com sua Teoria da modificabilidade cognitiva estrutural, todo o ser humano, mesmo considerado inapto para o aprendizado e em qualquer idade, pode desenvolver inteligência e adquirir a capacidade de aprender.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Quociente_de_intelig%C3%AAncia)

3.1– PESSOAS COM DISTÚRBIOS DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (ADD) E OUTROS

José Roberto Garcia Dias escreveu:

“Uma tradução que atende bem ao "Attention Deficit Disorder" (ADD), é "Distúrbios do Déficit de Atenção" (DDA). Mas, para nossa comodidade vamos usar a sigla ADD, sempre que estivermos nos referindo ao fenômeno. O estudo do comportamento humano não é novo. Na Antiga Grécia, o médico Hipócrates estudou o perfil psicológico humano classificando-o em: Colérico, Fleumático, Sanguíneo e Melancólico, atribuindo características próprias de comportamento para cada um destes elementos. Em 1902 o Dr. Carl Jung foi um dos primeiros a estudar cientificamente os tipos de personalidade. Hoje são vários os modelos utilizados na intenção de explicar o nosso comportamento.

Os primeiros relatos sobre o ADD vêm de 1902, com um médico Britânico chamado George Fredric Still, que trabalhava no Royal College of Physicians. Naturalmente, outros prosseguiram com esse trabalho. Nos anos 70 destacou-se o trabalho de Virgínia Douglas, no Canadá, e nesta década são destacados os trabalhos de Russel Barkely. Portanto, não é um assunto novo, não é modismo, nem coisa de americano, mas é a realidade à qual devemos nos manter atualizados.

O ADD é bem visível na criança que possui o problema, daí alguns acharem que é coisa da infância, mas recentes pesquisas mostraram que 50 a 75% dos casos continuam na fase adulta.

Na criança o ADD se revela quanto a ATENÇÃO: dificuldade em se concentrar; é desatenta; esquece o que estava fazendo; deixa de fazer os deveres; os professores estão sempre lhes chamando a atenção; é muito desligado.

Age IMPULSIVAMENTE, não consegue esperar por sua vez de falar; interrompe quem está falando; responde

antes de ouvir a pergunta toda; explode com facilidade; é sempre motivo de gozação da turma, mas por outro lado gosta mesmo de aparecer; adora viver perigosamente e, portanto, está sujeito a acidentes.

O ADD com HIPERATIVIDADE é bem visível, na medida em que a criança está sempre agitada. Não consegue ficar sentada, gosta de subir, movimentar pés e as mãos, age como se tivesse um motorzinho interno que nunca se desliga, nem quando está dormindo, pois tem um sono agitado.

O ADD não acontece somente com o indivíduo hiperativo pode acontecer sem a hiperatividade, e neste caso, ele se comporta como se estivesse no mundo da lua.

A infância nos interessa, porque somos pais e vamos ter condições de entender melhor nossos filhos e ajudá-los, lembrando que eles terão que enfrentar a concorrência no futuro com outros que não são portadores do ADD.

É grande em nosso país o desconhecimento quanto ao ADD na fase adulta e mesmo no meio médico, o assunto é pouco conhecido.

Até recentemente acreditava-se que os sintomas do ADD desapareciam na adolescência. Atualmente sabe-se que os sintomas permanecem na idade adulta em cerca de 70% dos casos.

O adulto com ADD apresenta problemas no trabalho e no relacionamento, além de problemas emocionais.

Estes são os principais sintomas que apresentam os portadores de ADD na fase adulta:

1. Desorganizado: sem a estrutura da escola, sem o apoio dos pais, tudo fica difícil, esquece compromissos, perde coisas e está sempre chegando atrasado.

2. Procrastinação crônica: Dificuldade em dar início ao que quer que seja, deixando as tarefas sempre para depois e com isto aumentando sua ansiedade.

3. Muitos projetos ao mesmo tempo: começa um, abandona, inicia o segundo, não termina, o terceiro, e

assim por diante. O tempo passa e ele se frustra, pois não conseguiu terminar nem um deles.

4. Tendência de dizer o que vem a mente sem se preocupar se é tempo ou local adequado.

5. Frequentemente à procura de novos estímulos, baixa tolerância à monotonia.

6. Se distrai com facilidade, dificuldade de concentração, se perde no meio de uma leitura, esquece o que estava falando.

7. Impaciência, baixa tolerância às frustrações, como quem diz: outra vez....

8. Impulsivo, tanto no verbal como na ação, explodindo com facilidade. É um gastador impulsivo e o dinheiro nunca é suficiente. Muda de planos de carreira com certa frequência.

9. Tendência de se preocupar sem necessidade. Procura no horizonte algo com o que se preocupar.

10. Sensação de insegurança: não importa quão estável esteja a situação ele se sente como se o mundo fosse desabar.

11. Mudança de estado de humor inesperadamente.

12. Inquieto: movimento com os dedos; levanta da mesa; sai da sala com frequência.

13. Baixa auto estima: este problema está diretamente ligado aos maus resultados obtidos em toda a vida.

14. Pobres observadores: normalmente eles se sentem inferior a outros que estão no seu mesmo nível.

15. A sensação de não conseguir seus objetivos. Estes são apenas alguns dados onde você pode se orientar e orientar outros a procurar auxílio médico.

Por apresentarem muitos desses problemas acima, é natural que as pessoas tenham dificuldade em suas profissões. Podem perder o emprego por mal relacionamento, desorganização, e as vezes simplesmente abandonam o trabalho por tédio.

Pergunta-se então: isso tem cura? tem remédio? o que pode ser feito para melhorar???

Bem..., cura não tem, mas tem remédio, e muito se pode fazer para se ter uma vida como a maioria dos não portadores do ADD.

O remédio mais eficaz utilizado atualmente é uma substância chamada metilfenidato. Este tem um efeito paradoxal, principalmente para nós engenheiros, porque a substância é um estimulante. Acontece, porém, que no elemento portador do ADD ele diminui a hiperatividade e aumenta a capacidade de concentração. Naturalmente ele não cura, é como usar óculos; tirando os óculos, a deficiência volta.

É claro que para utilizar este medicamento é necessário passar por uma avaliação médica. A auto medicação é totalmente reprovada, mesmo porque a aquisição deste medicamento só é possível através de médicos credenciados.

Outro ponto importante é a educação, ou seja, a informação não somente para o indivíduo mas para toda a família sobre a natureza do ADD e suas manifestações ao longo da vida, enfatizando a origem neurobiológica e com isto libertando essas pessoas da carga de culpa que carregam por anos. Quanto mais se sabe sobre o ADD mais fácil fica a condução do tratamento para atender as próprias necessidades. A habilidade em educar as pessoas que o rodeiam é crucial. O ADD tem um profundo impacto social, na família, no trabalho e no ambiente escolar.

A curto prazo o psicoterapeuta pode ajudar o paciente identificando as deficiências que estão associadas ao ADD.

A longo prazo o psicoterapeuta pode ajudá-lo através de técnicas de como manter o senso de humor, ter um relacionamento estável e eliminar o sentimento de culpa.”

(<http://dtah-dda.blogspot.com.br>)

É importante tentar distinguir o gênio e o santo do patológico e do primitivo. Todavia, a cientista materialista nem sempre tem olhos para ver essa diferença e trata muitos elementos humanos superiores como doentes, portadores de anomalias.

3.2– DISLÉXICOS

A Wikipédia conceitua a dislexia:

“Dislexia (do grego Δυσλεξία, dis- distúrbio, lexis palavra) é uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. A dislexia costuma ser identificada nas salas de aula durante a alfabetização, sendo comum provocar uma defasagem inicial de aprendizado.

Neste tópico pretendemos fazer um comentário, baseado na nossa observação pessoal e em alguns estudos, nem tão aprofundados, que fizemos.

A linguagem das palavras não é a única, sendo a da escrita talvez a mais complicada e nem sempre ideal, pois as palavras mudam de sentido conforme a época, sem contar os múltiplos significados que algumas têm.

Sem contar outras considerações mais, podemos concluir que quem se expressa bem através das palavras é mais bem dotado que outrem, que se dá mal com elas e vice-versa.

Estamos gastando tempo e palavras com este assunto para, ao final, dizer que nem todos os alienígenas lidam bem com a nossa forma de expressão tida como a mais importante, ou seja, as palavras escritas.

Concluimos que há dois grupos diferentes de pessoas com dificuldade nessa área: as que estão muito acima do nível intelectual da nossa realidade terrena e os que estão muito abaixo, sendo que vários dos primeiros não se adaptam à lentidão que as regras da gramática impõe à expressão dos seus pensamentos e sentimentos. Vemos, nesse quadro, pessoas como Bill Gates, Einstein etc., conforme a lista que inserimos a seguir, dos disléxicos famosos: Albert Einstein, Agatha Christie, Alexander Graham Bell, Anthony Hopkins, Cher, Danny Glover, Erin Brockovich, George H.W. Bush, George W. Bush, George Washington, Guy Ritchie, Harrison Ford, Henry Ford, Jewel, John F. Kennedy, John Lennon, Keanu Reeves, Keira Knightley, Leonardo da Vinci, Magic Johnson, Muhammad Ali, Noel Gallagher, Orlando Bloom, Ozzy Osbourne, Pablo Picasso, Patrick Dempsey, Robbie

Williams, Robin Williams, Salma Hayek, Steven Spielberg, Thomas Edison, Tom Cruise, Tommy Hilfiger, Walt Disney, Winston Churchill, Woody Harrelson, Anderson Cooper, Alyssa Milano, Babe Ruth, Billy Blanks, Bruce Jenner, Christopher Knight, Craig McCaw, Dave Foley, David Koresh, Eddie Izzard, George Burns, Greg Louganis, Harry Anderson, Henry Winkler, James Van Der Beek, Jamie Oliver, Jay Leno, John T. Chambers, Laura Flynn Boyle, Neil Bush, Richard Branson, Scott Adams, Suzanne Somers, Tawny Kitaen, Ted Turner, Thomas Jefferson, Liv Tyler, Tim Armstrong, Tracey Gold, Vince McMahon, Vince Neil, William Hewlett, Woodrow Wilson e Whoopi Goldberg.

(vide em <http://curiosando.com.br/70-dislexicos-famosos>)

3.3– 11% DE CRIANÇAS SÃO SUPERDOTADAS

Essa afirmativa constou de uma edição antiga do “*Jornal do Senado*”, sendo certo que a maioria dessas crianças não chega a desenvolver todas as suas potencialidades, justamente por falta de estímulo e oportunidades, o que é lamentável.

Sem necessidade de mais comentários, encerramos este tópico, que merece reflexão, a fim de pensarmos no que podemos fazer em prol dessas crianças.

4- PESSOAS DOTADAS DE GRANDE ESTABILIDADE MENTAL E EMOCIONAL (QE)

Mais importante para a humanidade que o intelecto puro e simples, sem a responsabilidade que essa ferramenta acarreta para o ser humano, é seu lado moral, pois vemos gênios da maldade, da corrupção, da violência etc. etc.

Simplesmente ser superdotado intelectualmente ou até ser gênio não resolve os problemas mais graves do ser humano, que estão localizados na área da moralidade no seu sentido mais elevado, que pode ser traduzido na expressão: *“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”*.

Nessa área é que, principalmente, os seres humanos precisam evoluir muito mais, uma vez que podemos e conseguimos viver sem televisão, sem computador, sem aviões etc. etc., mas nunca sem *“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”*.

Onde vemos a Igualdade, quando a maior parte da humanidade passa fome e morre por falta de recursos mínimos?

Onde a Liberdade, se ainda há regimes totalitários espalhados pelo mundo afora?

Onde a Fraternidade, se a maioria das pessoas pergunta quase sempre: - Quanto você vai me pagar para eu lhe prestar esse favor?

Gente superior moralmente falando, como Gandhi, madre Tereza de Calcutá, Francisco de Assis, Chico Xavier, João Paulo II etc. faz a diferença e serve de referencial para a humanidade compreender que o dístico da Revolução Francesa é o emblema da civilização verdadeira e não mero tema de discursos vazios de vivência real desse ideário.

Os alienígenas impregnados desse ideário esforçam-se para convencer-nos sobre as vantagens de sermos igualitários, defensores da Liberdade e fraternos.

Aprendamos com eles.

4.1 - AMMA

Voltemos à Wikipédia:

Mātā Amritanandamayī Devi, mais conhecida como Amma (que significa mãe), nasceu o 27 de setembro de 1953 na pequena vila de Parayakadavu (agora parcialmente conhecida como Amritapuri), próxima a Kollam, Kerala (ao sul da Índia). É muito respeitada como uma humanitarista e reverenciada por muitos como uma Mahatma (Grande Alma) e uma santa viva.

Ao nascer, recebeu o nome de Sudhamani e já durante a sua infância era muitas vezes vista em um estado de profunda meditação.

Grande devota de Deus, aos cinco anos já compunha pequenos cantos devocionais. Quando completou nove anos, sua mãe adoeceu e ela teve que cuidar da casa e dos irmãos mais novos. Deixou a escola, apesar de ser muito aplicada. Oferecia ao Senhor cada instante de sua longa jornada de trabalho. Contudo, os membros da sua família não entendiam tanta mística e por isso a castigavam. Ao terminar sua lida doméstica, já a noite, Sudhamani ia meditar, cantar ou rezar. Via muita dor e sofrimento ao seu redor e a resposta que recebia era que “tinham que pagar seu carma”, resposta que não a satisfazia. A crueldade e o egoísmo do mundo só aumentava sua devoção a Deus. Seu objetivo então, ao buscar a Divindade, passou a ser consolar a dor e o sofrimento de todos os seres. Começou então a doar alimentos de sua própria casa aos vizinhos e pobres que via, apesar dos castigos que levava em casa por fazer isso.

Aos 22 anos, Amma (nome que emprega desde então) difundiu sua mensagem espiritual, de maneira que inúmeras pessoas a procuraram para receber suas bênçãos. Ela juntou alguns discípulos e, já como guru, criou uma pequena congregação religiosa, que logo depois cresceu, levando-a a fundar um templo nas águas

represadas de Kerala, onde é tida como "a Grande Mãe" e adorada por milhões de pessoas. A partir de 1987, começou a ser internacionalmente conhecida depois de suas peregrinações ao exterior

Em 1993, Amma foi designada uma das três representantes da fé hinduísta no parlamento das religiões do mundo, em Chicago. Em agosto de 2000, foi convidada pela segunda vez para ir à ONU para participar na Conferência Mundial pela Paz. Já em outubro de 2002, a ONU concedeu-lhe o prêmio à não-violência "Rei Gandhi", e em julho de 2004 discursou no Parlamento das Religiões do Mundo no Fórum de Barcelona.

Amma obteve ainda mais projeção em 2004, ao ser a maior doadora particular à tragédia da tsunami, que afligiu boa parte do sul da Ásia. Sozinha doou 23 milhões de dólares. Doou também um milhão para o Fundo das Vítimas do Furacão Katrina.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE:

- 1 – Os alienígenas reencarnados na Terra têm dois objetivos: o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento moral dos terrícolas;**
- 2 – Alguns deles se dedicam a uma área e outros à outra;**
- 3 – Eles podem ser identificados, os primeiros pela superioridade intelectual (QI) e os segundos pela notável estabilidade mento-emocional (QE);**
- 4 – Em identificando-os por um desses dois característicos, não lhes dificultemos o cumprimento da sua tarefa nobre e idealista, mas aprendamos com eles o que têm para nos ensinar tanto em termos de intelectualidade quanto de desenvolvimento do poder mental e da estabilidade dos sentimentos no Bem.**

FIM